

A LEITURA ENTRE TÁTICAS E ESTRATÉGIAS? CONSUMO CULTURAL E PRÁTICAS EPISTOLARES

Mateus Henrique de Faria Pereira
Flavia Medeiros Sarti

Resumo

O artigo focaliza certos limites presentes no modo como as categorias *tática* e *estratégia* vêm sendo consideradas no estudo das práticas de consumo cultural. Para tanto, são retomadas algumas discussões sobre a pertinência do modelo proposto inicialmente por Michel de Certeau em sua obra fundadora *A invenção do Cotidiano* (1980) que, de modo binário, distingue táticas de estratégias e, com isso, fortes de fracos, dominantes de dominados. Esse tema será abordado a partir de dados reunidos no âmbito de uma investigação que buscou identificar horizontes de expectativas dos leitores do *Almanaque Abril*, por meio da análise de cartas escritas e enviadas pelos mesmos ao longo da década de 1990. As análises realizadas sugerem que a leitura seja uma atividade de tipo tática, tal como ensina M. de Certeau, mas que, sob determinadas condições, assume traços estratégicos relacionados à busca de um lugar próprio por parte do leitor. É possível considerar, portanto, que em certos casos, as categorias *tática* e *estratégia* estabeleçam uma relação de interdependência regulada por um estado permanente de tensão que é reafirmado e atualizado no interior de cada experiência social e individual.

Palavras-chave: Leitura; Táticas; Estratégias; Michel de Certeau.

READING BETWEEN TACTICS AND STRATEGIES? CULTURAL CONSUMPTION AND EPISTOLARY PRACTICES

Abstract

The paper focuses on certain limits in the way as the categories *tactics* and *strategy* have been considered in the study of the practices of cultural consumption. For that, some discussions are retaken on the pertinence of the model proposed initially by Michel de Certeau in his work *The Practice of Everyday Life* (1980) that, in a binary way, tactics are distinguished from strategies and, with that, strong from weak, dominant from dominated. That theme will be discussed from data gathered in the extent of an investigation that looked for

to identify expectation horizons of *Almanaque Abril's* readers, through the analysis of written letters and sent by the readers along the 1990s. The analysis suggests that the reading is a tactical type activity, as in M. de Certeau teachings, but that, under certain conditions, it assumes strategic lines related to the search of an own place on the part of the reader. It is possible to consider, therefore, that in certain cases, the categories tactics and strategy establish an interdependence relationship, regulated by a permanent state of tension that is reaffirmed and updated inside each social and individual experience.

Keywords: Reading; tactics; strategies; Michel de Certeau.

¿LEYENDO ENTRE TÁCTICAS Y ESTRATEGIAS? CONSUMO CULTURAL Y PRÁCTICAS EPISTOLARES

Resumen

El presente artículo se centra en ciertos límites sobre cómo las categorías táctica y estrategia han sido considerados en el estudio de las prácticas de consumo cultural. Para ello, se incluye un breve debate sobre la pertinencia del modelo inicialmente propuesto por Michel de Certeau en su libro fundador *La invención del cotidiano* (1980) que, en modo binario, distingue estrategias y tácticas y, por lo tanto, fuertes y débiles, dominantes y dominados. Este tema será discutido a partir de datos recogidos como parte de una investigación dirigida a identificar horizontes de expectativas de los lectores del *Almanaque Abril*, mediante el análisis de cartas escritas y enviadas por ellos a lo largo de la década de 1990. El análisis sugiere que la lectura es una actividad del tipo táctica, según la opinión de M. de Certeau, pero que, bajo ciertas condiciones, asume rasgos estratégicos relacionados con la búsqueda de un lugar propio por parte del lector. Es posible considerar, por tanto, que en algunos casos, las categorías táctica y estrategia establecen una relación de interdependencia regulada por un permanente estado de tensión que se reafirma y actualiza dentro de cada experiencia individual y social.

Palabras clave: Lectura; tácticas; estrategias; Michel de Certeau.

EN LISANT ENTRE LES TACTIQUES ET LES STRATÉGIES? LA CONSOMMATION CULTURELLE ET LES PRATIQUES ÉPISTOLAIRES

Résumé

Le présent article se concentre sur certaines limites sur la façon dont les catégories tactique et stratégie ont été prises en compte dans l'étude des pratiques de consommation culturelle. Pour ce faire, on revient à des discussions sur la pertinence du modèle initialement

proposé par Michel de Certeau dans son livre fondateur *L'invention du quotidien* (1980) lequel dans le mode binaire, distingue les stratégies et les tactiques, et par conséquent, forts et faibles, dominants et dominés. Ce sujet sera discuté à partir de données recueillies dans le cadre d'une enquête visant à identifier des horizons d'attente des lecteurs de l'*Almanaque Abril*, en analysant des lettres écrites et envoyées par eux tout au long des années 1990. Ces analyses suggèrent que la lecture est une activité de type tactique, comme l'enseigne M. de Certeau, mais que dans certaines conditions, elle assume le caractère stratégique lié à la recherche que le lecteur fait de sa place. Nous considérons, par conséquent, que dans certains cas, les catégories tactique et stratégique établissent une relation d'interdépendance réglée par un état permanent de tension qui est réaffirmé et mis à jour au sein de chaque expérience individuelle et sociale.

Mots-clés: Lecture; tactiques; stratégies; Michel de Certeau.

Este artigo focaliza certos limites presentes no modo como as categorias *tática* e *estratégia* vêm sendo consideradas no estudo das práticas de consumo cultural. Para tanto, são retomadas algumas discussões sobre a pertinência do modelo proposto inicialmente por Michel de Certeau em sua obra fundadora *A invenção do Cotidiano* (1980) que, de modo binário, distingue táticas de estratégias e, com isso, fortes de fracos, dominantes de dominados¹.

Sob a perspectiva certeuniana, as estratégias correspondem a um cálculo de relação de forças empreendido por um sujeito detentor de algum tipo de poder que, por esta via, “(...) postula um lugar capaz de ser circunscrito como um *próprio* e, portanto, capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta” (CERTEAU, 1994 [1980], p. 46). As táticas, por sua vez, são apresentadas pelo autor como ações desviacionistas, que geram efeitos imprevisíveis. Em oposição às estratégias – que visam produzir, mapear e impor – as táticas originam diferentes *maneiras de fazer*. Resultam das astúcias dos consumidores e de suas capacidades inventivas, possibilitando aos atores escaparem às empresas de controle e tomarem parte no jogo em questão. Elas habitam o cotidiano da cultura ordinária, instância onde são desenvolvidas as práticas e as apropriações culturais dos considerados “não produtores”. Não pretendem qualquer posição de poder; remetem à ligação dos “fracos” com a cultura sem, no entanto, apontarem para qualquer falta, posto que os consumidores possuem uma cultura própria (R. CHARTIER, 2002)². Muitas práticas cotidianas - tais como falar, ler, circular, cozinhar, ir ao supermercado - são do tipo

¹ A esse respeito ver Urfalino (1981); A-M Chartier & J. Hebrard (1988); Dosse (2002); Hebrard (2005).

² François Dosse (2002) ressalta que Michel de Certeau contrapõe-se ao conceito de *habitus*, tal como proposto por Pierre Bourdieu, que relativiza a presença da criatividade e da resistência nos processos de dominação.

tática. Em geral, elas revelam-se como bricolagens que possibilitam sutis vitórias dos fracos sobre os mais fortes, pequenos sucessos ou golpes.

Nessa direção, as proposições de M. de Certeau possibilitam compreender o consumo como espaço de produção de sentidos, apresentando uma resposta original ao pessimismo dos estudos que enfatizam a passividade dos sujeitos no consumo da “cultura de massa”. No entanto, e é o que se pretende ressaltar aqui, tal perspectiva pode restringir as possibilidades de análise de práticas de consumo que, sob certas condições, ultrapassam a mera bricolagem. Considerações dessa ordem não implicam a renúncia das interessantes tipologias que o autor propõe para o exame das práticas dos consumidores, mas sugerem a retomada da discussão sobre as dicotomias aí presentes e sobre os limites que as mesmas impõem para o estudo de algumas situações de consumo. Isto porque, em alguns casos, as maneiras pelas quais os sujeitos se apropriam dos produtos culturais implicam em uma certa dimensão estratégica, ou seja, na ocupação de um lugar que eles tomam para si.

Esse tema será discutido a partir de dados e análises reunidas no âmbito de uma investigação que buscou identificar horizontes de expectativas dos leitores do *Almanaque Abril*, por meio da análise de cartas escritas e enviadas pelos mesmos ao longo da década de 1990 (PEREIRA, 2006). A identificação de uma dimensão estratégica no interior de práticas de leitura pode suscitar especial interesse, posto que as mesmas são consideradas como “paradigma da atividade tática” (A-M CHARTIER, J. HEBRARD, 1988).

A leitura entre a peregrinação em terras alheias e a ocupação de um lugar próprio

De acordo com M. de Certeau, a leitura revela-se como uma prática de natureza tática, em contraposição à escrita que se

alia à ordem das estratégias. Suas reflexões a esse respeito abriram vários caminhos para o estudo das práticas contemporâneas da leitura, já que a metáfora da bricolagem permite pensar as leituras como trajetórias individuais, constitutivas de identidades particulares (CHARTIER, A-M & HÉBRARD, J, 1988). Deste ponto de vista, deixa-se de considerar a existência de uma leitura definitiva – “correta” - do texto, para admitir as múltiplas possibilidades de apropriação do mesmo escrito.

No entanto, após quase três décadas da publicação da primeira edição de *A invenção do Cotidiano*, parece ser possível problematizar a oposição que o autor pressupõe entre, de um lado, as astúcias levadas a efeito pelos consumidores na reapropriação dos produtos culturais e, de outro, o poder estratégico daqueles que controlam os processos de produção cultural. A pertinência desse esquema binário tática/estratégia, proposto por Certeau, foi questionada em trabalhos publicados ainda nos anos 1980, tal como faz lembrar François Dosse (2002).

De acordo com análise proposta por Philippe Urfalino (1981), as formulações de M. de Certeau a propósito das práticas cotidianas e de consumo cultural deveriam ser revistas por estarem baseadas no pressuposto da dominação, segundo o qual existiria um poder “localizável”, que se impõe por meio de um modelo estratégico de ação e que, por esta via, assume eficácia social. De sua parte, os dominados não dispõem de um lugar próprio para inscrever suas práticas. Urfalino adverte que tal perspectiva faz emergir uma concepção racionalista de poder, não totalmente adequada à análise das conjugações complexas que são estabelecidas entre liberdades e constrangimentos na sociedade contemporânea.

Ao lado dessas lacunas presentes no modelo estratégico de dominação, Urfalino ressalta a existência de ambigüidades no modo como M. de Certeau apresenta a idéia de tática: como desvio, subversão à norma imposta pela racionalidade, que pressupõe articulações sutis entre esquecimento e memória. Em

tal direção, as práticas cotidianas corresponderiam ao espaço do esquecimento, como ocasião para a invenção da memória (mesmo que se trate de uma memória de tipo lacunar, não cumulativa e que se baseia em um saber que não precede o seu uso). Urfalino ressalta o jogo contraditório entre memória e esquecimento que está contido nesse modo de considerar as operações empreendidas pelo homem comum em suas práticas cotidianas: o esquecimento é entendido, de um lado, como forma de não submissão, e, de outro, como sendo característico às novas formas de dominação, “sem figura”, “sem autoridade”. Para ele, a atenção a tais antinomias entre esquecimento e memória aparece como condição para análises que não estejam apoiadas na contraposição entre memória e política do esquecimento e que acabam, com isso, opondo um poder a outro poder e enredando-se em uma lógica de análise binária, como seria, ainda segundo o autor, o caso das proposições de M. de Certeau.

Essa lógica binária é questionada também por Jean Hébrard, que destaca ser possível encontrar práticas nas quais as táticas de leitura e as estratégias de escritura se confundem de maneira indissociável. Para ele: “Michel de Certeau nos ajuda a entender a maneira de ler dos leitores instruídos, competentes, mais do que dos leitores iniciantes” (HEBRARD, 2005, p. 111, tradução nossa). Nesse sentido, o leitor que “caça em terras alheias”, sobre o qual Certeau se refere, não seria o “homem comum” e/ou o “fraco” e sim o leitor competente. Ademais, Hébrard adverte que a dupla tática/estratégia pode dizer respeito à própria escrita, que também instaura a sua ordem por meio da “arte de dar golpes”, o que a faz assumir um teor tático que tradicionalmente tem sido reservado somente à leitura. A esse respeito, A-M. Chartier e J. Hébrard já haviam explicado que

a escritura é pois um fazer tático derivado de lógicas pragmáticas da temporalidade, que uma conjuntura histórica transforma em poder estratégico, capaz de *acumular* o passado e (...) de *conformar* a alteridade do

universo a seus modelos.(CHARTIER, A-M e HÉBRAND, J., 1988, p.39, tradução nossa)

Mas, ainda segundo os mesmos autores, a emergência dessa economia escriturária, investida de poder estratégico e que vem se consagrando especialmente à escrita da racionalidade, traz consigo efeitos contraditórios ou paradoxais, posto que conduz ao “destronamento do sujeito” (CHARTIER, A-M, HÉBRARD, 1988, p. 39) e à emergência das “entidades neutras” (*idem*, p. 40), ancoradas no discurso científico. Nesse contexto, os efeitos de dominação das escrituras de poder não distinguem seus consumidores daqueles envolvidos publicamente em sua produção, já que a ocupação pelos sujeitos desse último papel requer justamente sua obediência às regras dessa escrita anônima. Assim, já que submetidos, esses sujeitos procuram tirar proveito das escrituras anônimas que devem produzir por meio de uma postura de tipo tática: burlam suas regras, falseiam golpes de força, negociam alianças, captam reconhecimento ao encobrir escolhas subjetivas com a linguagem neutra da objetividade. Com isso, o escrito e o ato de escrever enredam-se mutuamente entre estratégias e táticas.

Procurando ultrapassar o debate estabelecido entre os críticos presos na autoridade do texto e aqueles que se valem de análises empíricas e que enfatizam a liberdade do leitor, alguns estudos sobre as práticas de leitura no mundo contemporâneo propõem-se a pensar a liberdade do leitor em relação às imposições, à sua capacidade de agir e aos limites de seu poder, considerando, enfim, as condições de ação do público e/ou leitor (BEAUD *et alli*: 1997). O público é, assim, considerado como ativo na utilização e interpretação das mídias, porém, sua atividade não pode ser confundida com um poder efetivo sobre as mídias (ANG, 1993).

As reflexões de Bernard Lahire (2002) a esse respeito têm mostrado que, no lugar de haver um leitor “ingênuo” e outro “esperto” (ECO, 1986), há um leitor “plural”, sua face revela-se

no ato da leitura pelas competências que possui e o encaminham para um tipo de leitura. Para ele, o ator plural está submetido a princípios de socialização heterogêneos e às vezes contraditórios, o que sugere considerar a leitura não como um consumo cultural, mas sim como uma experiência social que permite experimentar várias faces do ator plural. Sistematizando tais posições, Brigitte Le Grignou (2003) afirma que os livros e as imagens não são portadores de efeitos naturais ou universais. Esses estudos sobre as práticas culturais ensinam, pois, a aceitar a desordem do presente e do cotidiano e a resistir à tentação de uma explicação única e “evidente” (p.213).

Desse modo, no que concerne à atividade leitora, tendemos a concordar com Passeron (2005), que afirma que o enigma político das ciências humanas e sociais permanece: é compreender como os dominados aceitam determinada ordem dominante. Logo, pensar a relação dominante/dominado para além das oposições pode servir-nos para elucidar novas facetas desse mistério.

Cartas de leitores do *Almanaque Abril*

A discussão sobre o binômio tática/estratégia será realizada a partir de dados reunidos no âmbito de um estudo que focalizou cartas privadas enviadas à redação do *Almanaque Abril* por seus leitores³. As opiniões proferidas por esses leitores⁴ podem

³ Trata-se da tese de doutorado de Mateus Henrique de Farias Pereira “A Máquina da Memória”: história, evento e tempo presente no *Almanaque Abril* (1975-2006), apresentada em 2006 ao Programa de Pós-Graduação em História, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Embora os dados aqui focalizados tenham sido reunidos por ocasião daquela pesquisa, as análises ora apresentadas constituem fruto de um trabalho de parceria entre os autores deste texto.

ser lidas em dois *corpus* documentais que permitem obter uma visão de suas práticas de leitura. O primeiro *corpus* é um documento com trechos de 1192 cartas de leitores, confeccionado pelo responsável pelo atendimento ao leitor do *Almanaque Abril 1996*; o segundo consiste em aproximadamente 135 cartas de leitores, às quais foi possível ter acesso na redação da publicação (119 cartas referem-se às edições de 1997 até 2002, a maioria delas foi enviada por leitores das regiões sudeste e nordeste. 58 cartas foram postadas nas capitais e 47 em cidades do interior. As outras 16 cartas referem-se à edição de 2005).

Essas cartas não publicadas permitem recuperar, em relação ao *Almanaque Abril*, alguns traços da leitura como prática social na contemporaneidade (PETRUCCI, 1998). Pretendeu-se reconstruir alguns dos “horizontes de expectativas” aí presentes, posto que os leitores estão inseridos em grupos e comunidades e suas práticas de leitura não podem, portanto, ser reduzidas a um mero subjetivismo. O sentido é assim construído no diálogo entre o “mundo do texto”, com certos contratos presos à materialidade do suporte, e o “mundo do leitor”, com suas competências específicas e criatividade própria. As cartas são, destarte, um desses indícios em que percebemos o jogo de tensão entre as competências específicas dos leitores e os dispositivos escriturais e formais dos textos apropriados por eles⁵.

Gerard Mauger e Claude Poliak (1998) destacam que as práticas de leitura consistem em um movimento em três tempos: um momento anterior à leitura, o ato da leitura e um momento posterior. A análise das cartas nos permite compreender, essencialmente, o último momento, além de nos consentir a fuga do domínio da estatística que, segundo Michel de Certeau,

⁴ Conforme acordado com a direção de redação do *Almanaque Abril*, não será revelada a identidade dos leitores do *Almanaque*, uma vez que estas cartas não foram escritas para serem publicadas.

⁵ Sobre essas questões, ver RICOEUR (1985).

contenta-se em classificar, calcular e tabular as unidades “léxicas” das trajetórias dos consumidores culturais. As cartas, atreladas à prática escriturária, têm implícita a presença de um destinatário, de um leitor. Escrever uma carta é, portanto, buscar um interlocutor (SIERRA BLA, 2002; GOMES, 2003).

Assim, é possível supor que a maioria daqueles que escreveram cartas para o *Almanaque Abril* eram leitores que se consideravam capazes de estabelecer um “diálogo” com a obra. A informalidade marca o discurso de boa parte das cartas analisadas e a relação de apropriação estabelecida se revela no fato de os leitores se colocarem como interlocutores/produtores de discursos feitos para serem lidos e ouvidos. O fato de escrever ou ligar para algum tipo de serviço de atendimento demarca, por parte do consumidor/produtor, uma expectativa de audiência.

John Thompson (1998) destacou que, no mundo contemporâneo, a recepção de produtos da mídia é uma rotina integrada à vida cotidiana dos indivíduos, que percebem, trabalham e interpretam o material simbólico que lhes são apresentados: “ao receber matérias que envolvem um substancial grau de distanciamento espacial (e talvez também temporal), os indivíduos podem elevar-se para acima de seus contextos de vida e, por um momento, perder-se em outro mundo” (p. 43). Os leitores focalizados parecem ter incorporado a leitura do *Almanaque Abril* em suas rotinas e não somente como um mero recurso para a obtenção de informações – como poderia ser esperado na leitura desse tipo de material – mas como um espaço de interlocução no qual emergem suas próprias maneiras de buscar, selecionar e considerar os conteúdos em questão. A leitura que eles fazem de diferentes edições do *Almanaque Abril* e de outros materiais são recapituladas e comparadas. E por meio dessa atitude de capitalização de suas leituras, esses leitores delimitam um lugar para suas próprias experiências (de leitura, de viagem entre outras), preferências e expectativas.

A análise das cartas enviadas à redação do *Almanaque* possibilitou a identificação de três grupos de leitores: os *leitores críticos*, divididos em *comparatistas* e *eruditos*; os *leitores satisfeitos* e, por fim, os *leitores solicitantes*, cujas solicitações referiam-se a *informação* e/ou a *produtos* (PEREIRA, 2006). Uma caracterização mais detida de cada um desses grupos será oferecida a seguir.

Leitores Críticos

Os leitores que foram aqui considerados como *críticos comparatistas* contrastavam as edições do *Almanaque* entre si e, algumas vezes, com outras fontes. Em geral, apresentavam suas críticas à publicação de uma forma cordial. Um leitor, por exemplo, que se denominava “um colecionador”, afirmava que a edição 1999 era mais completa no que se referia à economia dos países que o exemplar de 2001. Outro leitor, um médico, dizia adquirir o anuário há dezesseis anos. Em sua primeira carta, ele parabenizava a equipe do *Almanaque* e solicitava a inclusão de um maior número de curiosidades na obra. Advertiu, porém, que a edição de 1998 não continha nenhuma informação sobre a Austrália e a Áustria e concluiu: “há que se corrigir, porque se fosse a primeira vez não compraria mais”.

Outro aspecto muito enfatizado pelos leitores *críticos comparatistas* é a qualidade do papel do *Almanaque*. Um leitor afirmou em sua carta que estava decepcionado com a edição de 2000, já que as edições anteriores continham mapas coloridos, ele supôs que “em 2000 iam caprichar”. “(...) eu devia ter ficado só com os “velhinhos”, anteriores (96 em diante), quando o papel era ótimo”, dizia ele.

Identifica-se, em várias cartas, uma relação de ambigüidade entre o leitor e o *Almanaque*. Ao mesmo tempo que os leitores assumem uma postura amistosa em relação à publicação, podem assumir também um tom mais ameaçador.

Nesse jogo, esses leitores reafirmam a fidelidade mercadológica para *negociar*. Eles constroem um certo distanciamento com base em leituras diferenciadas de outras obras de referência e procuram negociar o conteúdo e a forma do *Almanaque*. Vê-se que a comparação entre exemplares é um dos fatores que motivam o leitor a escrever para o *Almanaque*. É interessante observar, também, como muitas vezes os leitores revelam saber o que desejariam ler e propõem mudanças em partes específicas da publicação.

No documento, com trechos de 1192 cartas, confeccionado pelo responsável pelo atendimento ao leitor do *Almanaque Abril 1996*, é possível perceber que diversos *leitores críticos comparatistas* avaliam a publicação a partir dos usos que fazem dela. Alguns exemplos: “misturar dados dos países com assuntos diversos foi uma idéia desastrosa. O modo antigo era muito melhor”; “baixou o nível geral (curiosidades bobas). Cores não acrescentaram apresentabilidade nem facilidade de consulta, só irritam, a mistura de assuntos no A-Z é infeliz. Antes estava melhor!!!”; “foi péssima a idéia de misturar os países com outros artigos”.

Os *críticos eruditos* também comparavam as edições do *Almanaque* entre elas, e entre outras obras de referência, procurando apontar possíveis erros. Por isso, classificou-se esses leitores como “eruditos”. Esse tipo de leitor elabora suas críticas tanto a partir de fontes não reveladas, quanto a partir da leitura de outras edições do *Almanaque Abril* e com outras obras de referência. Um desses leitores, por exemplo, afirmou que era um heraldista e que havia erros e omissões na edição 1997 na bandeira real portuguesa. Outro leitor disse que, em uma viagem pela Ásia, percebeu que a grafia correta de Vietnã seria Vietnam. O mesmo leitor afirmou que tinha afinidade com a Editora Abril (percebe-se aqui a legitimidade da editora em relação ao anuário) e que “o excelente *Almanaque Abril* é quase uma Bíblia, mas não é o possuidor da verdade, as pessoas usam como enciclopédia, ele é

dinâmico e deve se aperfeiçoar”, por isso a publicação deveria acatar seus conselhos.

Segundo a responsável pelo atendimento ao leitor em 2001, Josefina Duques, muitos leitores consultavam o anuário enquanto assistiam ao programa televisivo de perguntas e respostas de conhecimentos gerais, *Show do Milhão*⁶. Esta afirmação foi comprovada em algumas cartas. Um leitor, por exemplo, disse não concordar que a Indonésia fosse a maior ilha do mundo, como constava no *Almanaque Abril* (informação que, segundo ele, era divergente da oferecida pela *Enciclopédia Barsa*). Ele citou várias obras - *Encyclopedia Americana*, *Barsa*, *Facts About the World*, *Hutchison Encyclopedia Britânica* – das quais anexou fotocópia de trechos que continham outras informações.

Observa-se, nessas e em outras cartas, que vários leitores procuravam distinguir o *Almanaque Abril* dos “almanaques de farmácia”, tidos como superficiais. Outro leitor da edição 1996 fez uma afirmação na mesma linha: “curiosidade tem um aspecto muito feio, de almanaque vagabundo, o que não é o caso do *Almanaque Abril*”. Encontram-se algumas correspondências que fazem menção à questão da superficialidade.

Essas cartas nos mostram que o leitor do *Almanaque*, ao interpretar a publicação, refazia a compreensão que tinha de si, dos outros e da publicação. Ao se apropriarem da obra, eles a faziam de “veículo para reflexão e auto-reflexão, como base para refletirem sobre si mesmo, os outros e o mundo a que pertencem” (THOMPSON, 1998, P. 45). O leitor que estabelece uma relação de proximidade com a obra está “implicitamente construindo uma compreensão de si mesmo, uma consciência daquilo que é e de onde ele está situado no tempo e no espaço” (*idem*, p. 46). A manutenção da qualidade do *Almanaque*, no que

⁶ Josefina Duques, entrevista ao autor, 21/01/01. Na época esse programa televisivo, comandado pelo apresentador Sílvio Santos, fazia perguntas de conhecimento gerais aos candidatos.

se refere à precisão das informações veiculadas e/ou aos aspectos gráficos, aparece para esses leitores como um recurso de afirmação de suas próprias qualidades como leitores.

Para esses leitores, o *Almanaque* parecia atuar como um meio de auto-formação. Isso ocorre, segundo John Tompson (1998), porque no mundo contemporâneo “o processo de formação do *self* (eu) é cada vez mais alimentado por materiais simbólicos mediados” (*idem*, p. 181). Sob tal perspectiva, para esses leitores, o *Almanaque Abril* pode ter atuado na construção de uma narrativa coerente de sua própria identidade, já que se revela como uma forma “vicária” privilegiada “de viajar, que permite ao indivíduo se distanciar dos imediatos locais de sua vida diária” (*idem*, p.185).

Leitores Satisfeitos

O segundo grupo de leitores – os *satisfeitos* – distingue-se dos *críticos* por manifestar um grau de confiança muito elevado no *Almanaque Abril*. Os leitores *satisfeitos* não foram divididos em subcategorias. Muitos dos *satisfeitos* pareciam considerar que a publicação poderia ser um meio digno de grande confiança para a realização individual⁷. Um leitor escreveu que tinha adquirido um *Almanaque Abril* e estava “na maior felicidade do mundo” ao possuí-lo, pois antes ele o observava na biblioteca pública. Um outro leitor procurava compartilhar a sua formação com o *Almanaque* e afirmava: “hoje, sou um homem lido, graças ao hábito de leitura nas edições do *Almanaque Abril*”. Ele conta que havia mandado um anteprojeto para o Congresso Nacional e obteve êxito. Ele atribuía seu sucesso à publicação e sugeriu que o periódico fosse divulgado na televisão. Outro leitor afirmou: “eu compro o *Almanaque* desde o 1º e não consigo criticá-lo. Fiz três

⁷ Sobre a questão da confiança nos materiais simbólicos mediados e nos sistemas peritos, ver GIDDENS (1991).

vestibulares e passei nos três. Sabe com que estudei para a área de Geografia e História, além de Artes e Literatura? Resposta: *Almanaque Abril*”.

Os professores eram, em geral, os intermediários culturais que contribuíram para a manutenção do valor simbólico do *Almanaque Abril*. Dada à intensa profusão de materiais simbólicos mediados, eles indicavam a publicação como uma fonte legítima para a aquisição de conhecimento e para a auto-formação. Eis o que diz um deles: “para os carentes de conhecimento a reportagem sobre a capoeira (...) é demais. Sou professor de Matemática e gosto de conhecimentos gerais. É preciso estar em sintonia com a globalização”⁸.

Referente à edição 1996 encontramos algumas observações no que diz respeito à organização e ao conteúdo, a saber: “por ser atualizado, linguagem simples pode ser usado até por crianças”; “em minha casa ele é muito usado por mim e meus filhos, para pesquisa escolar. Acho-o prático e claro em seus textos”; “o índice diversificado ficou muito bom”; “no ano passado sugeri que colocassem filosofia, recebi uma carta da *Abril* informando que a edição 96 viria com filosofia, pela minha sugestão. Adorei.”; “todos os assuntos em um só conjunto distribuídos de A a Z = novidade! Ótimo!”; “surpreendente, vocês revolucionaram. A mais perfeita combinação entre didática e curiosidades”. Há, ainda, várias comparações com enciclopédias: “as enciclopédias têm alguns assuntos desatualizados, além de ser um produto caro, nem sempre disponível as famílias de classe média, diferente portanto desta publicação atualizadíssima e de baixo custo”; “desde o ano passado passamos a nos utilizar do *Almanaque*, ele nos tem ajudado muito”.

⁸ Existem peças publicitárias do *Almanaque* destinadas exclusivamente aos professores. Ver, por exemplo, *Nova Escola. Almanaque Abril 97*. Não pode faltar na sua lista. 01/03/1997, No. 100, p. 6.

Mesmo os leitores satisfeitos realizam comparações, porém eles contrastam o *Almanaque*, em geral, com outras obras de referência e não destacam pontos específicos. Como antes mencionado, os *leitores críticos* estabelecem uma relação de proximidade e de distanciamento, de propriedade e de apropriação controlada com o *Almanaque*, pois eles *negociam* conteúdo, forma e, em certo sentido, suas práticas de leitura. No que diz respeito aos leitores *satisfeitos* isso não ocorre. Para estes, de fato, o *Almanaque* revela-se *como é* um dos elementos centrais para a sua auto-formação⁹.

Leitores solicitantes

Os leitores classificados como *solicitantes* foram divididos em *solicitantes de informações* e *de produtos*. Os *solicitantes de informações*, em geral, pedem a inclusão de algum dado na próxima edição. Uma dessas cartas, assinada pela comissão organizadora do carnaval fora de época de Cuiabá, solicitou que a festa fosse incluída no calendário do *Almanaque* de 1998, afirmando que, caso isso ocorresse: “a festa se sentirá honrada, já que o *Almanaque Abril* é uma publicação muito importante no cenário editorial brasileiro.” Um outro leitor sugeriu que a edição seguinte trouxesse o significado das cores das bandeiras de cada país. Ele afirmou que isto poderia ser feito nas seções de cada país. No entanto, caso não fosse possível, ele afirmou que aceitaria o envio de um suplemento para saciar a sua curiosidade. Uma mãe afirmou: “no geral o *Almanaque Abril* é o primeiro a ser consultado sobre qualquer tipo de pesquisa pelos meus filhos estudantes. O que não se acha às vezes em enciclopédia, acha-se no *Almanaque Abril*”. Ela sugeriu que fossem incluídas informações sobre o horóscopo.

⁹ Infelizmente não podemos inferir possíveis diferenças de capital simbólico, econômico e cultural entre esses grupos de leitores.

Vê-se, aqui, como o nome *Almanaque* “induz” o leitor a buscar esse tipo de informação. Alguns leitores solicitavam que se voltasse a publicar a biografia dos compositores na seção referente à música. Um leitor pediu o retorno das informações sobre religião, pois havia procurado a religião do Iêmen e não teria encontrado. Um estudante de curso superior de Geografia afirmou que estava fazendo uma monografia sobre o conflito entre a Índia e o Paquistão a respeito da Caxemira e que, embora o *Almanaque* disponibilizasse muitos dados, gostaria que mais informações lhe fossem enviadas pelo correio. Um outro leitor, preocupado, perguntou: “se cair em um concurso quantos países tem na América do Sul, devo considerar a Guiana Francesa?”.

Percebe-se que a obra atua como uma referência para a constituição da identidade dos *solicitantes de informações*. Apesar de considerarem a publicação com distanciamento, eles assumem, ao mesmo tempo, certa proximidade, colocando-se como “iguais” porque a conhecem há tempos, porque se dão à liberdade de pedir informações diferentes que para eles, leitores, são importantes e, principalmente, porque escrevem para o *Almanaque* na tentativa de estabelecer um diálogo.

Entre os *críticos* e os *solicitantes* há uma diferença que parece bastante significativa. Os *críticos* assumem a representação que o *Almanaque* quis veicular ao longo de sua trajetória, de ser um livro sério, preciso, sobre assuntos importantes da atualidade. Eles aceitaram o princípio básico que orientou a feitura da publicação. Ao passo que os *solicitantes* não aceitaram e questionaram precisamente esse princípio (afinal, por que não horóscopo, receita etc?), através de pedidos e natureza distinta. Além das diferenciações internas a cada grupo, há, assim, engajamentos, negociações, expectativas e competências diferenciadas entre esses dois grupos de leitores.

De sua parte, o *solicitantes de produtos* pediam informações sobre como era possível adquirir a publicação ou doações. Os leitores com menor poder aquisitivo tendiam a

integrar este grupo. Um estudante, por exemplo, solicitou a doação de edições antigas por ser pobre e não ter condições para comprar bons livros. Um presidiário, que se dizia arrependido de seus crimes, queria doação do *Almanaque Abril* para poder estudar no presídio. Há instituições, como associações e bibliotecas públicas, que também escreviam solicitando exemplares. Alguns leitores solicitavam brindes diversos.

As táticas e as estratégias: tensão e interdependência

Características relacionadas aos diferentes tipos de leitor - *críticos, satisfeitos e solicitantes* – apareciam simultaneamente em algumas das cartas consideradas, apontando para a heterogeneidade e a complexidade presentes nas práticas de leitura dos sujeitos, o que ultrapassa os tipos ideais aqui empregados para seu estudo. De todo modo, as análises realizadas nos sugerem que: “a quase-interação mediada não é dialógica, a forma de intimidade que ela estabelece não tem caráter recíproco, isto é, não implica o tipo de reciprocidade característica da interação face a face” (THOMPSON 1998, p. 191). Os homens, nas sociedades modernas, se tornam cada vez mais dependes de sistemas sociais que lhes escapam ao controle.

As cartas indicando erros e sugestões, que buscam quase uma co-autoria do *Almanaque*, indicam que esse é o meio utilizado pelo leitor cujo fim é a procura do controle de um tipo de interação em que a interlocução é pequena, em que praticamente há uma ausência de reciprocidade. No entanto, quando o leitor vê suas sugestões acatadas, ele expressa uma grande satisfação, exatamente porque, nesse momento, ele alcança um tipo de relação dialógica com a publicação.

Partindo das tipologias empregadas, foi possível perceber que os leitores do *Almanaque Abril* manifestavam tanto posturas de resistência como de aceitação. As cartas revelaram-se, pois, como o lugar de junção entre a estratégia da escritura e as táticas de

leitura. A escritura das cartas já aponta para a não-passividade e para a inventividade do leitor. Mas sugere, também, que o leitor deseja ganhar posições, que ele quer dar ou entender o sentido “correto” dos textos lidos no *Almanaque* e, em muitos dos casos, ele pretende inclusive firmar os características e objetivos da própria obra lida.

Os resultados obtidos com o estudo realizado sugerem que o *Almanaque Abril* é capaz de ensinar uma grande diversidade de leituras e de apropriações. A publicação revela-se como parte constitutiva da formação da identidade de um número considerável de leitores que escreveram cartas para sua redação. A análise daquelas cartas possibilita considerar as práticas de leitura como espaços situados entre táticas e estratégias, constituídos pela tensão entre mecanismos de dominação e de resistência, nos quais coexistem oposição e submissão (GRIGNOU, 2003), proximidade e distanciamento.

Tais análises sugerem que a leitura figura como uma atividade de tipo tática, tal como ensina M. de Certeau, mas que, sob determinadas condições, assume traços estratégicos relacionados à busca de um lugar próprio por parte do leitor. Nesses casos, a leitura apresenta-se como espaço de afirmação de uma temporalidade orientada pelos interesses e pela avaliação que o leitor faz dos textos que lhes chegam às mãos. Não se submete, em todos os casos, ao esquecimento e à indistinção das fontes, posto que permite ao leitor a capitalização, a comparação e a negociação. No caso dos leitores aqui focalizados, essa dimensão estratégica da leitura foi estimulada pela prática epistolar, que torna a fronteira entre a escritura e a leitura mais porosa. Considerando a possibilidade de envio das cartas, os leitores do *Almanaque* mostram-se mais atentos aos detalhes, à capitalização das informações, ao estabelecimento de comparações, ao controle da qualidade esperada, às potencialidades da obra e fazem disso uma possibilidade de afirmação de sua própria identidade.

A leitura permanece, sob este prisma, como um espaço de apropriação, o que a faz também um espaço de conhecimento e de auto-conhecimento para o leitor. Ao negociar sua própria imagem com o texto, o leitor faz bricolagens e viagens nômades, mas também pode ser capaz de conferir visibilidade aos seus próprios critérios de validação e de avaliação dos textos. É por isto que as práticas de leitura podem constituir, ao mesmo tempo, uma fonte de mudança para o leitor e para o texto lido (no que se refere ao seu conteúdo, mas também quanto aos protocolos pelos quais se busca dirigir a atividade do leitor). É possível considerar, portanto, que em certos casos, as categorias *tática* e *estratégia* estabeleçam uma relação de interdependência regulada por um estado permanente de tensão que é reafirmado e atualizado no interior de cada experiência social e individual.

Referências

ANG, Ien. Cultura e communication. Pour une critique ethnographique de la consommation des médias. *Hermes*. Paris: *Cognition, Communication, Politique*, 1993, n. 11-12, p. 73-93.

CHARTIER, Anne-Marie e HÉBRAND, Jean. L'invention du quotidien, une lecture, des usages. *Le Débat*, 49, mars-avril 1988, p. 97-108

_____. *Discours sur la Lecture (1880-2000)*. Paris: BPI-Centre Pompidou, Fayard, 2000.

BEAUD, P. *et alli*. Les théories de la communication et la culture de massa. Introduction. *Sociologia de la communication*. Paris: Réseaux-CNET, 1997.

DOSSE, François. L'art du détournement. Michel de Certeau entre stratégies et tactiques. *Esprit*. Paris: Éditions du Cerf, n. 283, março-abril 2002, p. 206-222.

ECO, Umberto. *Lector in fabula*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

GIDDENS, Anthony. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

GÓMES, Antonio Castillo. Como o polvo e o camaleão se transformaram. Modelos e práticas epistolares na Espanha Moderna. In: BASTOS, Maria H. C.; CUNHA, Maria T. S.; MIGNOT, Ana Chrystina V. (Org.). *Destino das Letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: Ed. UPE, 2003

GRIGNOU, Brigitte Le. *Du côté du public: usages et réceptions de la télévision*. Paris: Economica, 2003.

HEBRARD, Jean. Peut-on faire une histoire des pratiques populaires de lecture à l'époque moderne? Les 'nouveaux lecteurs' revisités. *Histoires de lecture: XIXe-XXe siècles*. Présentées par Jean-Yves Mollier. Bernay: Société d'histoire de la lecture, 2005.

LAHIRE, Bernard. *Homem plural: os determinantes da ação*. Trad. Jaime. A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2002.

MAUGER, Gérard e POLIAK, Claude. Les usages sociaux de la lecture. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. Paris: Seuil, n°123, 1998, p. 3-24.

PASSERON, Jean-Claude. Morte de um amigo, fim de um pensador. In: ENCREVÉ, Pierre; LAGRAVE, Rose-Marie. *Trabalhar com Bourdieu*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

PEREIRA, Mateus H. F. “A Máquina da Memória”: história, evento e tempo presente no *Almanaque Abril (1975-2006)*. Belo Horizonte: FAFICH, 2006 (tese de doutorado).

PETRUCCI, Armani. Ler por Ler: Um Futuro para a Leitura. In: CHARTIER, Roger e CAVALO, Guglielmo. *História da Leitura no Mundo Ocidental*. São Paulo: Ática, 1998, 2 v., p. 203-227.

RICOEUR, Paul. *Temps et récit*. 3 Le temps raconté. Paris: Seuil, 1985, p.284-328.

SIERRA BLAS, Verónica. Escribir y servir: las cartas de una criada durante el franquismo. *Signo. Revista de Historia de la Cultura Escrita*. Universidad de Alcalá: Alcalá de Henares, 2002, n. 10, p. 121-140.

THOMPSON, John. *A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998

URFALINO, Philippe. La mémoire et l'oubli:l'invention du quotidien. *Espirit*. Paris, n.51, mars, 1981, p.136-146.

Mateus Henrique de Faria Pereira é Doutor em História pela UFMG, professor da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG/FUNEDI). E-mail: matteuspereira@gmail.com.

Flavia Medeiros Sarti é Doutora em Educação pela USP, professora da Universidade Estadual Paulista -UNESP – campus Rio Claro. E-mail fmsarti@rc.unesp.br

Recebido em: 05/01/2010

Aceito em: 10/06/2010